



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

PARADIGMA DO ARQUÉTIPO DE JUNG

JUNG'S ARCHETYPE PARADIGM

Moises Lopes da Silva¹, Mário Carlos Marques Durão²

Submetido em: 21/07/2021

e1321

Aprovado em: 31/08/2021

<https://doi.org/10.47820/acertte.v1i3.21>

RESUMO

Eloisa M. D. Penna (2005), representando a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e a Associação Brasileira de Psicoterapia apresentou um trabalho intitulado O PARADIGMA JUNGUIANO NO CONTEXTO DA METODOLOGIA QUALITATIVA DE PESQUISA onde ela disserta sobre um método que possa convencer a ciência ou, no mínimo propor uma aceitação cientificista dos conceitos da Psicologia Analítica de C. G. Jung. O presente artigo tem como objetivo dialogar com este trabalho de Penna (2005) sobre os paradigmas que ela estabelece, a saber: perspectiva ontológica, possibilidade de conhecimento e, finalmente, a apreensão e compreensão dos fenômenos para recortar ao final o arquétipo de Jung que é apresentado por Penna (2005) como uma virtualização da realidade que passa a ser real ao indivíduo que devolverá essa realidade a sociedade e, com isso, formar-se-á uma realidade social arquétípica. Nesta viagem a apreensão da realidade empírica do meio social é compreendida pelo indivíduo da forma que a suas pulsões inconscientes pulssionarem a sua aceitação consciente sem crise moral alguma, pois o método em questão anulou o superego do indivíduo para devolver ao meio o que ele idealizou como real e estabelecer no social a tal realidade arquetípica composta por arquétipos similares de outros indivíduos também pulssionados; similares, pois, igualdade não é realidade no campo ideológico. Finalmente, estabelecer-se-á uma metafísica de costume kantiana que Penna (2005) reconfigura logo no início de seu trabalho para adequá-la à validação de sua hipótese principal ao final.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectiva ontológica. Possibilidade de conhecimento. Apreensão e compreensão dos fenômenos. Arquétipo. Realidade arquetípica.

ABSTRACT

Eloisa MD Penna (2005) representing the Pontifical Catholic University of São Paulo, Brazilian Society of Analytical Psychology and the Brazilian Psychotherapy Association presented a work entitled THE JUNGIAN PARADIGM IN THE CONTEXT OF QUALITATIVE RESEARCH METHODOLOGY where she lectures on a method that can convince the science or, at the very least, to propose a scientific acceptance of the concepts of C. G. Jung's Analytical Psychology. This article aims to dialogue with this work by Penna (2005) about the paradigms she establishes, namely: ontological perspective, possibility of knowledge and, finally, the apprehension and understanding of phenomena to cut out in the end Jung's archetype that is presented by Penna (2005) as a virtualization of reality that becomes real to the individual who will return this reality to society and, with this, an archepic social reality will be formed. In this trip, the apprehension of the empirical reality of the social environment is understood by the individual in the way that his unconscious drives drive his conscious acceptance without any moral crisis, as the method in question annulled the individual's superego to return to the environment what he idealized as real and establish in the social

¹ Unini – Universidade Internacional Iberoamericana. Doutorando em Educação com ênfase em psicopedagogia: Antropologia, Psicologia, Linguística. Mestrado em Educação com ênfase em psicopedagogia: Neurociência, psicomotricidade, psicanálise inter-relacionadas.

² Unini – Universidade Internacional Iberoamericana. Graduação em Ciências Sociais-Psicologia pela Universidade Aberta (2009), graduação em Educação Básica pelo Instituto Politécnico de Lisboa (2015), graduação em Ação Social pela Universidade Aberta (2007), mestrado em Educação-Formação Pessoal e Social pela Universidade de Lisboa (2012) e doutorado em Educação-Psicologia da Educação pela Universidade de Lisboa (2017). Atualmente é professor na Universidad Europea del Atlántico e na Universidad Internacional Iberoamericana.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

PARADIGMA DO ARQUÉTIPO DE JUNG
Moises Lopes da Silva, Mário Carlos Marques Durão

such archetypal reality composed of similar archetypes of other individuals also driven; similar, since equality is not a reality in the ideological field. Finally, a Kantian metaphysics will be established, which Penna (2005) reconfigures at the beginning of her work in order to adapt it to the validation of her main hypothesis at the end.

KEYWORDS: *Ontological perspective. Possibility of knowledge. Apprehension and understanding of phenomena. Archetype. Archetypal reality.*

INTRODUÇÃO

A psicóloga Eloisa M. D. Penna, formada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, representando a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e a Associação Brasileira de Psicoterapia publicou um artigo na revista Psicologia USP intitulado O PARADIGMA JUNGUIANO NO CONTEXTO DA METODOLOGIA QUALITATIVA DE PESQUISA dissertando sobre a construção de um método que pudesse melhor se aproximar da convencer a ciência ou, no mínimo propor uma aceitação cientificista de convencimento. Para atingir esse objetivo, Penna (2005), primeiramente, propôs princípios de paradigma e dialética trazendo a psicologia analítica como campo que melhor pudesse aceitar tais princípios, uma vez que esse cientificismo psicológico tenha se aproximado da ética psicanalítica reconfigurando o princípio ético da livre associação do indivíduo freudiano (2010) para o princípio estético cientificista, a saber: “Jung, no entanto, além de exímio psicoterapeuta, foi, antes, um grande pensador, que construiu uma teoria psicológica inédita, tanto em termos ontológicos quanto epistemológicos e metodológicos, o que nos permite falar de um novo paradigma científico” (Penna, 2005, p. 72).

O objetivo geral deste artigo é uma crítica construtiva aos princípios estabelecidos por Penna (2005) e não a forma com que ela conduziu a construção desse método que, sem dúvida alguma, proporcionou uma aproximação preciosa entre a ciência psicológica e a ética psicanalítica. Os objetivos específicos são: 1. Validar a hipótese de que o princípio ontológico é uma ética psicanalítica e não pode ser científico; 2. Validar a hipótese de que o princípio de conhecimento estabelecido por Penna (2005) é um princípio da ética psicanalítica e não do conhecimento piagetiano (1977) ; 3. Validar a hipótese de que a apreensão e a compreensão de Penna (2005) é um princípio da ética psicanalítica muito distanciado dos assunçores da aprendizagem significativa de Ausubel (1978); 4. Validar a hipótese de que o arquétipo e/ou conhecimento tanto quanto a realidade arquetípica de Penna (2005) é o princípio da psicose da ética psicanalítica, ou seja a cisão do eu (ego).

A citação que Penna (2005) apresenta em seu artigo: “O paradigma é considerado como “uma rede de premissas epistemológicas e ontológicas que – a despeito de sua veracidade ou falsidade última– se tornam autovalidadas” (Bateson, 1972, p. 314 como citado em Penna, 2005, p. 81) fundamenta o problema do presente artigo: Sendo a realidade arquetípica ontológica e não epistemológica ela seria ideológica?

Portanto, este artigo é de interesse tanto à comunidade acadêmica científica quanto a ética ontológica: “No paradigma junguiano, a perspectiva ontológica refere-se à natureza da



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

PARADIGMA DO ARQUÉTIPO DE JUNG
Moises Lopes da Silva, Mário Carlos Marques Durão

realidade, considerando as concepções de mundo, ser e psique” (Penna, 2005, p. 81) e justifica-se na validação das hipóteses aqui apresentadas.

PERSPECTIVA ONTOLÓGICA

A epistemologia piagetiana (A Epistemologia Genética. Tradução: Nathanael C. Caixeiro., 1971) é uma realidade empírica desde a indiferenciação do sujeito/ objeto quando é considerado um ser indivíduo que vai passando pelas fases motoras e psicomotoras a até se transformar em um ser social. A epistemologia vygotskiniana inverte a visão do ser considerando-o como ser social ao nascer até passar pela maturação das funções superiores e finalmente torna-se indivíduo. Apesar da inversão epistemológica entre eles a epistemologia inerente é empírica por ser observável e, portanto, cumpre as exigências do método científico sem a necessidade de paradigmas e dialéticas das quais a perspectiva ontológica é potencialmente dependente.

Penna (2005) utiliza uma metodologia interessante para aproximar, dar voz ao mundo da psique audível aos paradigmas e dialéticas da totalidade ontológica que ele chega a chamar de holística em seu artigo, reconfigurando assim o empirismo da holística que observa e devolve resultados informados empiricamente: “Progoff (1985) considera Jung um dos pioneiros da abordagem “holista” do ser humano e defende a aplicação da Psicologia Analítica à sociologia” (Penna, 2005, p. 77).

A qualidade da metodologia não evoluiu para autores fora da psicologia analítica, portanto o metodologia qualitativa da própria metodologia de Penna (2005) é dialética amparando tanto a ideologia, neste caso, de método, para se autoqualificar como holística sugerindo uma parte de verdade nesse todo místico-ideológico. Penna acrescenta em mística para apresentar uma qualidade simbólica: “A noção de realidade psíquica, formulada por Jung, confere estatuto empírico ao psiquismo (Tarnas, 2001), dando substância à experiência interior. O mundo e o ser humano são definidos por sua qualidade simbólica” (Penna, 2005, p. 82).

Penna foi competente na taxonomia de seu método usando gradação na classificação desde o momento que tratou a psicologia analítica de forma sincrônica – recortando-a como a única sobrevivente evoluída de uma espécie não mais existente – e não de forma diacrônica – ela surge na historicidade da psicologia como ciência para atender um paradigmas e, o próprio paradigma da dialética contem o fato de a psicologia analítica ser um dos lados de uma mesma moeda, logo, existe o outro lado que não se pode recortar ou excluir.

Segundo Denzin e Lincoln (1998), a noção de paradigma envolve três elementos fundamentais: ontologia, epistemologia e metodologia, que devem estar entrelaçados de forma consistente e coerente. A perspectiva metodológica de um paradigma define-se em estreita conexão com as perspectivas ontológicas e epistemológica adotadas pelo cientista. O método é um indicador do modo pelo qual o conhecimento será construído dentro de um paradigma.

No paradigma junguiano, a perspectiva ontológica refere-se à natureza da realidade, considerando as concepções de mundo, ser e psique. A noção de totalidade – unidade e diversidade – constitui o pilar básico dessa perspectiva. Trata-se de uma totalidade dinâmica que contém elementos diversos.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

PARADIGMA DO ARQUÉTIPO DE JUNG
Moises Lopes da Silva, Mário Carlos Marques Durão

O mundo, para Jung, é concebido em seus aspectos subjacente e manifesto. A noção de unus mundus, emprestada da filosofia medieval, confere dinamismo ao todo e integra microcosmo e macrocosmo (Penna, 2005, p. 81).

POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO

O processo da construção de conhecimento atravessa o campo do empirismo em Piaget (1977) que postula sobre a movimentação de recursos cognitivos em espiral ascendente através da regulação perturbação/ acomodação que na acomodação e/ou equilíbrio entra a significação ausubiana (1978) que é a formação de assunções. A resolução da ZDP vygotskiniana (Vygotsky, 1991) corrobora com esse trajeto empírico para a construção de conhecimento.

Penna (2005) se deleita em Jung para trazer àquela parte da holística ontológica do mundo de uma psiquê simbólica que transforma em arquétipos as realidades empíricas e devolve ao meio uma possibilidade de construção de um realidade arquetípica que ela tratou de distanciar da metafísica dos costumes de Emmanuel Kant (2007) para misticamente instaurá-la metodologicamente numa epistemologia jamais piagetiana (A Epistemologia Genética. Tradução: Nathanael C. Caixeiro., 1971) e numa razão pura jamais kantiana (Fundamentação da Metafísica dos Costumes, 2007).

A epistemologia junguiana concentra-se, principalmente, na possibilidade e nos limites de acesso ao inconsciente. A possibilidade de acessar o mundo subjacente (inconsciente) repousa na hipótese de que este se expressa na realidade manifesta (consciente).

De acordo com Cassirer (1944/1997), a única forma de se conhecer o ser humano é através de suas manifestações, que são "os fios que tecem a rede simbólica da experiência humana" (Cassirer, 1944/1997, p. 48).

Para Jung, o inconsciente não é passível de um contato direto; ele se dá a conhecer apenas por meio da consciência, que constitui o ponto de partida de todo conhecimento em Psicologia (Penna, 2005, p. 83).

Penna (2005) ao tratar da questão simbólica é muito feliz ao propor o encontro de dois mundos, o da realidade e o dos fenômenos distanciando-se da concepção de pensamento simbólico em Chomsky (Glenday, 2008) que apresenta a arbitrariedade dos signos linguísticos numa dialética empírica: significado e significantes, observáveis na linguagem e através de textos verbais e texto não verbais. Chomsky (2008) não entra no campo da fenomenologia como Penna adentra:

O símbolo é o canal através do qual o mundo subjacente e o mundo manifesto se encontram. Ele congrega o âmbito pessoal e o âmbito coletivo, a dimensão histórica e a dimensão universal dos fenômenos psíquicos, e coloca-se como o elemento ou o fenômeno a ser apreendido pela consciência, podendo ser compreendido, quando elaborado.

Segundo Jung (1921/1991), o símbolo pressupõe uma função psíquica que o cria e uma função que o compreende, a qual denominou de "pensamento simbólico ou entendimento simbólico" (Jung, 1921/1991, p. 111), que é coordenado pelo ego e realiza a transformação de material inconsciente em material consciente.

APREENSÃO E COMPREENSÃO DOS FENÔMENOS

Penna (2005) traz a autorregulação da perturbação/ acomodação piagetiana (1977) e os pensamento simbólico chomskiniano (Glenday, 2008) para campo da fenomenologia freudiano (2010) pretendendo analisar a psique do indivíduo, independente dele mesmo, através de



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

PARADIGMA DO ARQUÉTIPO DE JUNG
Moises Lopes da Silva, Mário Carlos Marques Durão

metodologia nada distante dos princípios da ética psicanalítica, enquanto Freud (2010), através da livre associação, conduzia a regulação do indivíduo instrumentalizando o mesmo para autorregular-se.

Penna (2005) distanciou-se do conceito de estruturas freudianas (2010) atribuindo pulsão ao ego ao invés do id e atribuindo ao ego a não garantia de compreensão: “A emergência de um símbolo conta com a anuência da consciência, no sentido de que, em razão do mecanismo de autorregulação da psique, o ego “deseja e precisa” da mensagem contida no símbolo, embora isso não seja garantia de sua compreensão (Penna, 2005, p. 86).

Quanto a equilibração, acomodação, autorregulação epistemológica do ser, Silva (2020) apresenta em seu livro uma discussão qualitativa referenciada em Wallon (1879-1962 conforme citado em Dantas, 1992) validando a hipótese de que é a dimensão afetiva que tem a prioridade na estabilização tanto da tríade psicomotora (afetividade/ cognição/ motricidade), quanto da tríade psicanalítica (id/ ego/ superego). O intrigante é que Penna (2005) afasta o superego e/ou a moral de seu método para fazer depender a autorregulação apenas de um arquétipo simbólico-ideológico sem moral que o perturbe. O símbolo, além de ser inconsciente em Penna (2005), também, tem caráter paradoxal na sensação de plenitude/ vazio e, portanto, não evolui da sensação para a emoção para não correr o risco de propor uma moral e chegar ao superego.

O aspecto consciente do símbolo consiste na forma reconhecível de que o símbolo se reveste e pela qual é captado pela consciência que o reconhece. Seu aspecto desconhecido representa o enigma a ser decifrado, que constitui, justamente, aquilo de que a consciência se ressente no momento. O símbolo é sempre algo intrigante e instigante para a consciência que a vivência; seu caráter ambivalente e paradoxal produz uma sensação simultânea de plenitude e vazio (Penna, 2005, p. 86).

Finalmente, o arquétipo de Penna (2005) é a própria cisão do eu e/ou ego tornando o indivíduo psicótico, porque enquanto um eu/ego percebe a realidade outro eu/ego a transforma num arquétipo e/ou símbolo que instiga desejo no eu/ego que percebe a realidade de não mais percebê-la, este segundo eu/ego adquire, portanto, as pulsões e a virtualidade criativa do id/inconsciente. Essa psicose é devolvida à sociedade por diversos indivíduos psicóticos e cria a realidade arquetípica que nada mais é do que uma metafísica de costume (Kant, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No paralelo apresentado entre a qualidade metodológica apresentada por Penna (2005) e a qualidade referenciada na discussão deste artigo, pode-se validar as hipóteses de que o princípio ontológico é uma ética psicanalítica e não pode ser científico; o princípio de conhecimento estabelecido por Penna (2005) é um princípio da ética psicanalítica e não do conhecimento piagetiano (1977); a apreensão e a compreensão de Penna (2005) é um princípio da ética psicanalítica muito distanciado dos assunçores da aprendizagem significativa de Ausubel (1978); o arquétipo e/ou conhecimento tanto quanto a realidade arquetípica de Penna (2005) é o princípio da psicose da ética psicanalítica, ou seja a cisão do eu (ego).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE

ISSN 2763-8928

PARADIGMA DO ARQUÉTIPO DE JUNG
Moises Lopes da Silva, Mário Carlos Marques Durão

O objetivo geral deste artigo, de criticar através de discussão construtiva os princípios metodológicos estabelecidos por Penna (2005), resulta na proposição de aproximar a sua metodologia a ética psicanalítica com o reconhecimento da sua tríade (id/ ego/ superego) sem que torne o indivíduo um ser psicótico ou de aproximar da ciência considerando sua exigência metodológica empírica e que não seja um símbolo pleno e vazio ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Educational psychology**: a cognitive view. 2. ed. New York, USA: Holt Rinehart and Winston, 1978.
- FREUD, S. **O modelo estrutural de Freud e o cérebro**: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. Archives of Clinical Psychiatry, São Paulo, v. 37, n. 6, 2010. disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832010000600005#:~:text=Na%20primeira%20t%C3%B3pica%20de%20Freud,pr%C3%A9%20Dconsciente%20e%20o%20consciente.&text=Para%20Freud%2C%20a%20maior%20parte,as%20puls%C3%B5es%20ou%20instintos1. Acesso em: 23 ago. 2021
- GLENDAY, C. H. **Noam Chomsky**: lingüística e filosofia. 2008. Dissertação (Mestrado de Cognição e Linguagem) - Universidade Estadual Norte Fluminense – UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2008. Disponível em http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/cognicao_6587_1240934116_010220191559.pdf Acesso em: 23 ago. 2021
- KANT, I. (2007). **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007. Disponível em: <https://www.arquer.com.br/arquivos/Fundamentacao-da-Metafisica-dos-Costumes-Kant.pdf>
- PENNA, M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Dossiê: Carl Gustav Jung • Psicol. USP**, v. 16, n. 3, Set. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.
- PIAGET, J. **O desenvolvimento do pensamento**: equilíbrio das estruturas cognitivas. São Paulo, Lisboa: Editora Dom Quixote, 1977.
- SILVA, M. L. **Emoções Cognoscitivas**. Curitiba: Editora Appris, 2020.
- TAILLE, P. T.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Editora Summus, 1992.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.